

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTOREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 026467
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

Director
MOTTA PINTO

SAUDOSA LEMBRANÇA

Por - Marino de Carvalho

A Nação viveu última-mente uma hora de angústia e de profundo pesar, pelo falecimento dessa virtuosa e distinta Senhora que era a esposa do Senhor Presidente da República.

De todos os portugueses era bem conhecida a gentileza do seu trato e a nenhum passou nunca despercebida a maneira carinhosa do seu generoso coração e o gosto humanitário do seu espírito de bem fazer.

Socorria os pobres, visitava-os, abeirava-se dos doentes, protegia os infelizes, em poucas palavras «fazia bem» ao próximo, amava-o no seu delicado espírito de solidariedade cristã, nos impulsos magníficos da sua alma, no gesto caridoso da sua maneira de ser.

Tinha, assim, a fidalguia espiritual que eleva as pessoas e as torna diferentes do comum.

Na frase memorável de Santa Tereza de Jesus «uma alma que se eleva, eleva o mundo». Pois a Senhora Dona Berta Craveiro Lopes era verdadeiramente uma dessas raras pessoas que procuram, na beleza dos sentimentos e das obras a que se dão, a própria satisfação dos seus melhores anseios, a tranquilidade da consciência, o cumprimento de um dever para consigo

mesma e também para com Deus.

Muitos choram agora, com os seus queridos familiares e parentes, a sua morte, muitos que tinham amparo e ternura na sua caridade e na sua simpatia. Esses não poderão esquecer quem os protegeu e animou nas horas tormentosas, nos momentos aflitivos da desgraça ou da pobreza.

E porque de todos os portugueses sempre se tornou bem sabida essa requintada fidalguia de espírito da bondosa Senhora, todos também em Portugal sentem a tristeza do seu falecimento e recordam magoadamente a sua delicada personalidade.

Mas em outros aspectos se revelou também rica e

(Continua na página 4)

De Menino Pobre a Mestre da Pintura

POR - MALCOLM VAUGHAN

A maior parte dos artistas esperam anos pela fama.

Rembrandt van Rijn, o grande pintor holandês do século XVII, saiu da obscuridade para a fama aos 26 anos de idade. O pai do jovem Rembrandt, um moleiro, queria que o filho estudasse, e já havia economizado dinheiro para matriculá-lo na Universidade de Leida.

Mas logo no primeiro semestre ficou patente que o rapaz não se ia dar bem com os livros. Ele era vivo, inteligente e trabalhador, mas todo o seu tempo e energia eram dedicados ao desenho e à pintura.

Decidiram seus pais, portanto, que ele estudasse pintura com um rapaz de Leida. O rapaz saiu-se tão bem que

logo estava pagando parte de suas despesas, com o que ganhava pintando retratos a título de exercício.

Para maior expansão das suas oportunidades, Rembrandt começou a fazer viagens a Amesterdão, a grande cidade, onde um negociante de quadros, Hendrik van Uylenburgh, pessoa bem relacionada, sugeriu que ele se mudasse para lá e abrisse um estúdio, oferecendo-lhe para isso a sua casa. Ali ele poderia pintar retratos de cidadãos ricos, dando ao negociante uma comissão. O artista entusiasmou-se com a proposta.

O acordo, mutuamente proveitoso, poderia ter-se prolongado por muitos anos, se não fosse Rembrandt apaixonar-se pela jovem prima do negociante, Saskia van Uylenburgh, uma orfã rica. Muita vontade tinha Rembrandt de mostrar que o filho de um moleiro, também pode tornar-se um homem famoso.

A sua grande oportunidade apareceu nos fins de 1631, quando a Guilda dos Médicos da cidade encomendou-lhe um quadro para a sua sede.

O assunto deveria ser uma aula de Anatomia, a fim de que se pudesse incluir nele o maior número possível de médicos, com certeza directores da Guilda.

O assunto era muito comum na pintura holandesa e nunca havia passado de um mero ajuntamento de pessoas.

Mas Rembrandt fez uma composição nova, e deu ao quadro toda a admiração e curiosidade que deve sentir quem assiste a uma aula de Anatomia.

(Continua na página 4)

(Continua na página 4)

A CASA DE CAMILO

Honrar a memória daqueles que, por graça do génio, enriqueceram o património espiritual de um povo é, seguramente, um nobre dever que se impõe à consciência de quantos sabem avaliar o mérito e o significado da lição perene dos que cria-

ram beleza e sublimaram a própria condição humana.

A língua portuguesa, elo de ligação e de unidade de milhões de almas, repartidas pelo mundo, mantém, bem viva e bem ativa, a sua gloriosa universalidade, pela devoção fidelíssima dos que a servem e a defendem na maravilhosa floração da sua vis inspiradora.

Camilo Castelo Branco representa o nome de um escritor assombroso, grande entre os maiores, cuja obra literária o tempo não compromete, antes revigora e no-la impõe como estímulo e modelo da criação artística.

Vinte e sete anos foram quantos o incomparável romancista, torturadamente, viveu na sua Casa de S. Miguel de Seide, em pleno vergel minhoto, no isolamento favorito das serranias e de uma paisagem dramática, desoladora.

Ali, o autor da «Brasileira de Prazins» escreveu alguns dos seus mais notáveis trabalhos que lhe deram glória e respeito; ali, sofreu as

JULHO

As debulhas. A Cigarra e a Formiga

Por - António Garcez da Silva

Quando Julho desponta, começa a tarefa das debulhas — a apoteose desse trabalho intenso e duro de produzir, começando no momento em que, como poetava Virgílio, «se deita aos regos a semente na esperança dum

anofértil» e terminado quando os bagos dourados jorram, enfim, do engenho de debulha. Apoteose bem triste, muitas vezes, negativa, dolorosa, quando «a esperança dum ano fértil» se mologrou...

A Lezíria do Tejo adquire, então, a sua feição mais enérgica, dura, crepitante.

O sol, a pino, requeima os restolhos e torna flamejantes as altas pargas de trigo, que por trilhos poeirentos, se arrastam nas carretas, à força da boiada ou dos tractores, amontoando se depois nas eiras, em altas fraçais, à espera que os engenhos as devorem.

A tarefa da debulha é dura. Sob o sol ardente, o movimento das máquinas e o tom cru dos molhos de trigo a debulhadara engole, criam reverberos intensos. A atmosfera crepita, as formas tornam-se trepidantes. O ritmo obstinado das máquinas, força os movimentos dos trabalhadores. Partículas de palha, poeiras sacudidas no afã das máquinas, empapam-se com o suor, nos rostos queimados dos homens e mordem-lhes o corpo como

(Continua na página 4)

Imagens das Festas de S. Pedro em Montijo



Um lindo efeito feérico de iluminação na Praça da República, na qual se destaca a fachada da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo,

(Fotografia obsequiosa da «Foto Montijense»)

LEGENDAS DE PORTUGAL (II)

O RIBATEJO

Uma manada de toiros, um grupo de Campinos, uma lezíria sem fim... Há toirada e feira em Vila Franca de Xira: à noite, canta-se com o fado e dança-se com o fandango rigoroso. Ferras, tentas, festas campestres com danças ao ar livre e enguias assadas no espeto: Coruche, Salvaterra, Golegã, Cartaxo, Alcochete... Santarém preside, com dignidade, a todo este quadro de bravura, de colorido, de alegria, de casticismo verdadeiro. E o Tejo dá de beber ao trigo, ao arroz, aos toiros, aos cavalos, às lezírias onde o campino é rei e senhor!

(Transcrito com devida vénia de «A CAMPANHA», órgão da Campanha Nacional de Educação de Adultos.)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias

Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — pri-
meiros e terceiros sábados de cada
mês, pelas 12 horas, no consultório
do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da
Trindade — R. Bulhão Pato, 42 -
Telefone 026 131 - MONTIJO.

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef.º 026 502 - 026 465 - 026 012

Parteiras

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 026 038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026 025 e 026 479
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

M O N T I J O

Ecos das Festas de S. Pedro, no Montijo

Como foram vistas pela imprensa regionalista

De «O Setubalense», de 28
de Junho último:

«A laboriosa vila do Montijo consagra anualmente, por esta data, ao Santo da sua invocação, um ciclo de festas profanas e religiosas, que são já agradavelmente conhecidas e elogiadas, por todo o país, com foros de verdadeiro acontecimento festivo, que se marca com antecedência no calendário das principais romarias portuguesas.

Deve-se este reacender de vitalidade, comunicabilidade e prazer espiritual, ao são critério administrativo do Município, à inextinguível dedicação dos componentes da Comissão de Festas e ao civismo do povo montijense.

As já famosas festas de S. Pedro tiveram o seu início na passada quinta-feira.

Manhã cedo, como que a afugentar as nuvens negras que ameaçavam de chuva todo o dia, percorreu as ruas e pontos distan-

tes da freguesia, o grupo de Zés-Pereiras, com as suas características sanfonas, bombos e rufos. Ao ar elevaram-se os morteiros anunciadores da alvorada.

Não obstante, uma chuva impertinente e miudinha affligiu os corações esperançosos dos organizadores e do próprio público, desejoso de proporcionar aos visitantes um dia resplandecente.

Mas o mau tempo passou, e a mor parte do dia rebrilhou.»

De «O Distrito de Setúbal», de 27:

«Quando ontem de manhã os morteiros estalavam no ar e os «Zés-Pereiras» e «Gigantones» se exibiam perante a curiosidade do povo, dava-se assim início às tradicionais festas montijenses em honra do apóstolo S. Pedro.

Pena foi que uma chuva miudinha obstasse ao luzimento acostumado das boas-vindas aos visitantes, dadas pelo Município. Na

verdade o acto inicial foi bastante prejudicado pelo tempo. Escolheu-se um lindo jardim infantil para as boas vindas aos homens da imprensa e da rádio. Foi uma coisa rápida, pois a chuva caía impertinentemente. Saudou os visitantes o vice-presidente da edilidade sr. António João Serra Júnior. Não houve resposta às suas palavras amigas pelo motivo indicado.

Percorreram-se em seguida o Cinema Teatro Joaquim de Almeida, a Praça de Touros e o Mercado Central. Grandes e úteis edifícios que atestam a vontade de um povo.

Ficámos deveras encantados com tais empreendimentos públicos, e outros que não nos foi possível ver pelo adiantado da hora. Uma coisa é certa: o Município merece os melhores louvores por tudo quanto tem realizado. Outras terras mais importantes não apresentam o que essa vila risonha possui já, com tão justificado orgulho.»

Exposição de arte da casa dos empregados da F. N. P. T.

Porque a inauguração da Exposição de Arte organizada pela Casa dos Empregados da F. N. P. T., que se realizará como a anterior nos jardins do Organismo, só terá lugar na primeira quinzena do próximo mês de Agosto, todos os membros da Organização Corporativa, dos Organismos de Coordenação Económica ou, simplesmente, sócios da F. N. A. T., poderão enviar, até ao dia 31 do corrente mês de Julho, as produções com as quais queiram concorrer a este certame nas seguintes modalidades:

Desenho artístico, pintura, escultura, fotografia ou outros trabalhos.

O Regulamento da II Exposição de Arte será enviado aos interessados que o solicitem à Casa dos Empregados da F. N. P. T., na Rua do Salitre n.º 66, em Lisboa.

Feira de São Tiago em Setúbal

Iniciam-se amanhã, sexta-feira, 25, na linda cidade de Setúbal, — *A Cidade do Sol* —, tal com já a vimos designada —, a tradicional Feira de São Tiago, que se prolongará até ao dia 10 do próximo mês de Agosto, com variadas e interessantes diversões.

Numa justa e merecida homenagem à cidade capital do nosso Distrito, o povo de Montijo saúda efusivamente toda a população sadina, e respeitosamente cumprimenta as suas entidades mais representativas, na individualidade ilustre de sua ex.ª, o sr. Governador Civil de Setúbal.

A Banda da 1.º de Dezembro e os seus próximos concertos

Em aditamento à notícia dada no último n.º do nosso jornal, somos a informar os nossos leitores que a Banda 1.º Dezembro, de Montijo, está contratada para abrihantar as Festas da Sr.ª do Rosário, do vizinho concelho do Barreiro, deslocando-se ali no dia 11 de Agosto futuro.

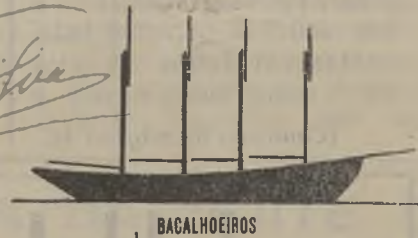
MUITOS



MWM DIESEL

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO
E EM GRUPOS AUXILIARES EM

Manuel Giraldo da Silva



BACALHOEIROS



CARGUEIROS. ARRASTÕES



REBOCADORES E BARCOS
DE PILOTOS



EMBARCAÇÕES FLUVIAIS
DE PASSAGEIROS



TRINEIRAS DE



TODOS OS TIPOS



VELETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA
DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
ORÇAMENTOS

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

JULHO

— No dia 20, o menino Rui Augusto Quinteiro Carvalho, estremo filho do nosso dedicado colaborador sr. Elisiário Joaquim Carvalho, do Apeadeiro de Sari-lhos.
 — No dia 26, o menino Joaquim Manuel da Cruz Caria, filho do nosso estimado assinante sr. Valentim José Narciso Caria.
 No dia 24, a menina Maria Amélia Fernandes Barreiros, filha do nosso dedicado assinante, sr. Carlos Barreiros.
 — No dia 26, o sr. Alfredo Rodrigues Gomes, nosso estimado assinante.
 — No dia 27, o sr. Manuel Militão de Carvalho, nosso prezado assinante.
 — No dia 28, a menina Hortense Lopes Amaral, irmã do nosso estimado assinante, sr. Carlos T. L. Amaral.
 — No dia 28, a sr.^a D. Francisca Carreira Almeida, mãe da nossa dedicada assinante, gentil menina Maria Antonieta de Carreira de Almeida, residente em Montijo.
 — No dia 29, o nosso prezado assinante sr. José Joaquim Rebelo, industrial de alfaiataria nesta vila.
 — No dia 29, o sr. António Manuel Tormenta, filho do nosso estimado assinante, sr. António Maria Tormenta.

Casamento

No passado domingo, dia 20, realizou-se na Igreja Matriz desta vila, o enlace matrimonial da sr.^a D. Luísa de Sousa Lagoa Veríssimo, natural de Leiria, gentil filha da sr.^a D. Luísa Antunes Lagoa Veríssimo e do nosso prezado assinante sr. Manuel Antunes Veríssimo, com o sr. Paulo Rodrigues da Rocha, natural do Porto, digno regente agrícola em Odemira, filho da sr.^a D. Maria Amália Rocha e do sr. Manuel Rocha.
 Serviram de padrinhos pela parte da noiva, a sr.^a D. Maria Clara Duarte e seu marido o sr. José António Duarte, e pela parte do nubente, os pais da noiva.
 Em seguida ao acto religioso, realizou-se em casa dos pais da noiva um abundante e finíssimo copo de água, fornecido pela Pastelaria Suíça, de Lisboa.
 Os noivos seguiram depois em viagem de núpcias pelo sul do País, fixando a sua residência em Odemira.
 Aos nubentes e a suas ex.^{mas} famílias endereçamos as nossas felicitações e votos de incessantes venturas para o novo lar agora constituído.

S. F. I.º D.

Assembleia Geral Extraordinária

Por convocação do vice-presidente da mesa de Assembleia Geral desta colectividade, devem reunir extraordinariamente os seus sócios hoje, quinta-feira, pelas 21 horas, no salão de festas, para apreciar um assunto de maior interesse para a Sociedade.
 Se não houver número suficiente à hora indicada, reunir-se-á uma hora depois, com o número de sócios presentes.

Propriedade

— VENDE-SE, na Rua José Joaquim Marques, MONTIJO.
 Trata J. A. Candeias, Rua Marques Ponte do Lima, n.º 13 - Porta II, r/ch. Ed.º LISBOA.

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

M O N T I J O

Câmara Municipal de Montijo

Resumo da acta da reunião ordinária do dia 15 de Julho de 1958

Presentes os srs. António João Serra Júnior, vice-presidente, em exercício; Francisco Tobias da Silva Augusto, Tomás Manhoso Iça, Mário Miguel de Sousa Rama, Joaquim Brito Sancho, Carlos Gouveia Dimas e Francisco Braz da Cruz, vereadores.
 Secretário, sr. José Maria Mendes Costa.

Deliberações tomadas:

- Conceder licença graciosa a diversos serventuários;
- Vender faixas de terreno no Cemitério, a José Ventura Ribei-radio e a João Ribeiro Caramujo Júnior;
- Certificar a situação económica de Angelina dos Santos Loureiro, para efeitos de Assistência Judiciária;
- Pôr novamente em arrematação um lugar do Mercado de Peixe;
- Conceder abono de família a vários serventuários;
- Assalariar para os serviços de limpeza, o trabalhador José Luís Rosado Mosteias;
- Aprovar o orçamento suple-

O preço da batata

Por despacho de 11 Junho passado foi novamente prorrogado e e agora até 19 do corrente mês, o prazo até quando é livre o preço da batata nova.

A partir dessa data, se não houver nova prorrogação, a batata terá de se passar a vender, ao público, em qualquer ponto do País, ao preço máximo de 1\$50, como determina a portaria 16.326.

O sr. Ministro da Economia anunciou há pouco, que serão severamente castigados os actos de especulação com o preço da batata.

mentar dos Serviços Municipaliza-za-los;

- Solicitar a comparticipação do Estado, para a aquisição de prédios demolidos à volta do Mercado;
- Fixar em três o número de peritos da Comissão de vistoria, a prédios novos;
- Autorizar a exposição ao público das plantas da estufa do Mercado Central.

Jogos Florais das Festas de S. Pedro, no Montijo

Por assinalável iniciativa do Rádio-Programa «Montijo em Festa», patrocinado pelo valioso semanário «Festa», foram criados este ano os Jogos Florais das Festas Populares de S. Pedro, nesta vila, os quais se deverão repetir anualmente, tendo por tema esses festejos.

Aos Jogos Florais deste ano correram inúmeras produções inspiradas nos assuntos mais valiosos de grandeza das nossas últimas Festas, e o prazo para a entrega de originais terminou em 13 do corrente.

O jornal «Festa» confiou já a um júri a leitura das numerosas produções recebidas, de modo a serem proclamados os vencedores das diversas modalidades numa imponente festa a realizar nesta vila, em dia e local a anunciar oportunamente.

Desde já felicitamos a organização publicitária Rádio-Programa «Montijo em Festa» pela sua interessante elaboração, que muito honrosamente vem dar relevo especial aos festejos de S. Pedro em Montijo.

Madrinha de Guerra

Escreveu-nos um jovem montijense em serviço militar na Índia Portuguesa, pedindo-nos para intercedermos junto das nossas leitoras, no sentido de estabelecer correspondência na situação de madrinha de guerra, de modo a suavizar as saudades da sua terra natal.

Quem lhe puder ser útil poderá dirigir-se a José Júlio Fuste, 1.º cabo 194/56, Bateria D. João de Castro, Dabolim-Vasco da Gama-Índia Portuguesa, favor de que o interessado se confessa antecipadamente grato.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

- 5.ª feira, 24 — Montepio
- 6.ª feira, 25 — Moderna
- Sábado, 26 — Higiene
- Domingo, 27 — Diogo
- 2.ª feira, 28 — Giraldes
- 3.ª feira, 29 — Montepio
- 4.ª feira, 30 — Moderna

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

- 5.ª-feira, 24. — às 9 h.
- 6.ª-feira, 25. — » 9 h.
- Sábado, 26. — » 9 h.
- Domingo, 27. — na Igreja Paro- quial: às 8, e 11,30 horas; no Santuário da Atalaia, às 10 horas.

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.ª feira, 24; (17 anos) O mais notável filme de ficção. «Tarântula». Uma aranha gigante que ameaça uma cidade. Uma Tarântula que devora homens e bois.

Sábado, 26; (17 anos) Uma magnífica versão cinematográfica da célebre opereta de Strauss. «O Barão Cigano». Paisagens maravilhosas, incomparáveis de luz e colorido. No programa: Imagens de Portugal.

Domingo, 27; (Para 12 anos) um grandioso filme musical da Metro: «Meias de Seda», com Fred Astaire e Cyd Charisse; e três grandes cómicos que farão deste esplêndido filme musical um filme de gargalhada que divertirá os mais sisudos.

3.ª feira, 29; (Para 17 anos) Um filme de profunda emoção que prende, arrebatou e entusiasma: «Sentença de Morte»; um assunto de forte interesse! Um filme absorvente e arrebatador!

Acidente de viação

No terça-feira, 15 do corrente, próximo de Vila Franca de Xira, uma camioneta de passageiros foi chocar violentamente com o automóvel do nosso prezado amigo e assinante, e igualmente conceituado industrial nesta vila, sr. José Salgado de Oliveira, de que era motorista o sr. Abílio Tavares Outeiro, conduzindo as sr.^{as} D. Elisa Freitas Salgado de Oliveira e D. Francelina Freitas Mimoso, respectivamente, esposa e cunhada daquele sr.; bem como a sr.^a D. Maria Antónia Caldeireiro Outeiro, esposa do motorista, ficando o veiculo bastante danificado.

Pelo embate sofrido ficaram bastante magoadas aquelas senhoras, e a última, fracturou uma clavícula.

Transferidas ao Hospital de S. José, verificou-se que só o estado de saúde da sr.^a D. Maria Antónia Outeiro inspirava maiores cuidados, pelo que foi transferida para o Hospital de Jesus e ali operada na sexta-feira, dia 18, onde ainda se encontra, tendo regressado as outras pessoas atingidas a esta vila.

Congratulando-nos de aquelas sr.^{as} terem saído ilesas desse acidente, muito desejamos o restabelecimento da enferma e o breve regresso à sua residência em Montijo.

Para o reumatismo:
ABEVENINA
 Estimula a defesa do organismo. Ataca a doença. Elimina a dor.

Para a «doença dos Gerentes»:
R U H M A L
 Indicado nas perturbações nervosas em geral, estados depressivos e ansiosos, excitações, irritabilidade, insonias, complexos de inferioridade, timidez, receios infundados e outras afecções.

2 produtos para o vosso bem-estar
2 produtos da moderna técnica farmacológica alemã

A VENDA NAS FARMÁCIAS

ÁGUA DA BELA VISTA

SETÚBAL

Diurética - Eupéptica - Digestiva

Vende-se em: Garrações de 5 litros -- Garrafas de 1 litro e de 1/2 litro

É ainda gaseificadas em garrafas de 1/4 e 1/5 de litro

PEDIDOS A

Águas da Quinta da Bela Vista, Lda.

TELEF. 22376 e 23451 - SETÚBAL

Assinar «A PROVINCIA» é contribuir para o progresso da sua terra

De Menino Pobre a Mestre da Pintura

(Continuação da primeira página)

A forma geométrica escolhida para a composição foi a de um triângulo.

Dentro dela ele agrupou os médicos com intensa dramaticidade. Para não distrair a atenção do espectador daquelas expressões fascinadas, Rembrandt pintou um momento inexpressivo da aula — o estudo dos músculos do ante-braço.

O resultado foi uma notável obra de arte que atraiu toda Amesterdão; e quase que da noite para o dia, Rembrandt tornou-se o artista mais procurado da Holanda.

Em 1631, ele havia pintado apenas um quadro de encomenda; no ano seguinte pintou 16!

E começou a aumentar o preço dos seus trabalhos até cobrar 500 guildes por quadro, uma fortuna naqueles dias; mas quanto mais caro cobrava, maior era a procura.

Os estudantes brigavam para estudar com ele, e suas aulas custavam 100 guildes anuais por aluno, tabela nunca vista naquela época.

Saskia, a moça de olhos azuis que ele amava, ficara impressionada, desde o dia em que o conheceu.

Rembrandt começava agora a impressionar o seu frio tutor. Passados uns dois anos, as barreiras entre a orfã do rico aristocrata e o filho de um pobre moleiro haviam desaparecido.

Ele tinha 28 anos e ela 21, quando se casaram.

Ele a idolatrava. Ela o inspirava.

A alta sociedade de Amesterdão afluía ao estúdio de Rembrandt para ser retratada. Um dos seus clientes foi o príncipe de Orange, Frederick Henry.

Entre um retrato e outro, Rembrandt pintava a sua adorada Saskia vezes e vezes seguidas, e toda uma série de cenas bíblicas e alegorias históricas às quais ela sempre servia de modelo.

Estes quadros mostramos que ela não era apenas a sua adorada esposa, mas também o seu ideal de mulher.

Rembrandt adquiriu uma magnífica mansão, — pelo menos fez o pagamento inicial —, e alegremente mudou-se para lá, decorando-a com belíssimas antiguidades, distribuindo quadros clássicos pelas paredes, espalhando ornamentos e raridades por toda a casa.

O facto de estar gastando mais do que ganhava, não o preocupava. O dinheiro continuava a entrar em grande quantidade; por que não gastar à vontade?

Em 1642 Saskia morre de parto, deixando uma criança doente. E é uma dor, após outra para Rembrandt.

Os credores começam a persegui-lo.

Um quadro enorme, no qual ele trabalhara durante um ano — e hoje famoso *Vigília Nocturna* — é recebido em silêncio.

Em seu desespero e solidão ele toma como amante

a mulher que estava mais perto, — a sua empregada, que depois é trocada pela jovem governanta da criança.

Quando esses escândalos vieram a público, as encomendas de retratos foram cessando, e durante catorze anos Rembrandt foi perdendo terreno financeiramente, até que foi despojado de sua residência. Vendida em leilão, a mobília não deu para satisfazer os credores.

Dizem que os artistas precisam sofrer, conhecer o desespero e angústia, para que sua arte possa adquirir a profundidade, força, sentido universal e simplicidade.

Isso, que parece uma cruel imposição, no caso de Rembrandt foi uma verdade.

À medida que seus problemas mais o atormentavam, mais a sua arte crescia.

Do fundo de sua dor surgiram obras-primas que o Mundo ainda não vira: *A Velha Fazenda as Unhas; O Moinho; Aristóteles Diante do Busto de Homero; Cristo em Emaús; A Descida da Cruz.*

Que fabulosa carreira começara com o primeiro sucesso de um jovem pintor, *A aula de Anatomia!*

Malcolm Vaughan

SAUDOSA LEMBRANÇA

(Continuação da primeira página)

fecunda essa mesma personalidade da ilustre Senhora.

Portugal teve nela uma embaixatriz de distinção que soube levar não só às nossas Províncias Ultramarinas mas também ao estrangeiro, na companhia de seu ilustre marido, um sorriso de convivência e de simpatia, a delicadeza de sentimentos da nossa gente, a suave nota feminina do nosso temperamento bondoso e agradável.

O Senhor General Craiveiro Lopes e sua Esposa souberam representar a Nação nos muitos lugares de Portugal e nos variados sítios do mundo onde chegaram e estiveram para cumprir deveres de Soberania e de cortezia internacional.

Nessa importante missão do Chefe do Estado Português sempre sua Ex.^{ma} Esposa o acompanhou com suprema distinção, por forma a que mais alto subisse o prestígio da Pátria e a dignidade da Nação.

Estes dois aspectos da vida da saudosa Senhora — o da sua caridade para com os pobres e humildes e o da sua notável acção representativa — andam juntamente recordados na nossa memória e constituem motivo fundamental para a nossa ternura e para a nossa saudade.

Mais ainda: são razão bastante para a nossa maior gratidão.

E tudo nessa lembrança, de tanto respeito e de tanta admiração, vem ainda enaltecido por aquelas outras virtudes morais que, a cada instante e em vida lhe foram justamente louvadas: as da sua simplicidade, da sua esmerada educação, do seu desprendimento por aquelas coisas que em tantos põem a nota do orgulho e da vaidade.

Por tudo o que deixo dito a Nação não a esquecerá, antes a terá sempre presente no seu coração.

Marino de Carvalho

A CASA DE CAMILO

(Continuação da primeira página)

mais pungentes dores, físicas e morais, que remataram na tarde trágica de 1 de Junho de 1890.

A *Casa de Camilo* que uma fatalidade caprichosa, espelhou, pelo correr dos anos, a desgraça inominável do próprio escritor, urgia transformar-se, em boa verdade, num genuíno museu camiliano, isto é, uma permanente e frutuosa evocação da memória do genial paladino da língua portuguesa.

E assim, graças à dedicação consciente e esclarecida de organismos oficiais, nomeadamente o Secretariado Nacional da Informação e a Câmara Municipal de Famalicão, reconstruiu-se, em absoluto respeito à traça primitiva, a última moradia de Camilo Castelo Branco e cuja inauguração se fez, so-

lenemente, em cerimónia oficial, no passado dia 18 de Junho, presidida pelo Ministro da Presidência, e a que assistiram, também, o Secretário Nacional de Informação, os dirigentes do município de Famalicão e inúmeras individualidades de representação intelectual no País.

Nos discursos, então proferidos, em que se sublinhou a notável oração do Sr. Dr. Augusto de Castro, exaltou-se, com o brilho e dignidade merecidos, o vulto gigantesco do homem que legou à sua Pátria o maior e mais nobre dos tesouros: a garantia de imortalidade de uma língua que, com Camões e António Vieira, Camilo, definitivamente, universalizou.

Visado pela Censura

Visado pela Censura

JULHO

As debulhas. A Cigarra e a formiga

(Continuação da primeira página)

insectos, entrando pelas roupas que o calor não consente cingidas.

Custa a respirar. A sede aperta. A língua encortiça e o cérebro quase que pára de elaborar. Não há voos de aves. nem cantigas, nem falas. — Só o ritmo das máquinas e dos corpos dá a nota da vida na eira. E para além desta o horizonte alarga-se, monotono nos seus tons morenos, terrosos, nas manchas amarelo-seco dos restolhos, esfumando-se longe, em poeiras claras, fundidas com o azul das serras alentejanas.

Afloram-nos, então, ao espírito imagens de Fialho — águas-fortes do Alentejo, que, na verdade, fica apenas um pouco mais além deste horizonte. O Alentejo de Fialho ou de Florbela Espanca — uma visão das páginas *impressionistas* do «País das Uvas» ou dum verso quente da «Charneca em Flor»... Um Alentejo mais intenso do que esta paisagem, que apenas representa um intróito do drama, imprevisível ainda, desta planície convulsionada e ardente...

A eira, apesar de tudo é um oásis.

Descanso numa improvisada barraca, construída de fardos e capiços, onde se desdobra, sobre a tarimba, a colorida manta listada do campino.

As aves não esvoaçam. O céu tem uma luz intensa que nos queima as pupilas e a terra parece crepitar num braseiro. A visão monótona da lezíria quebra-se apenas no vulto esgrouviado, seco e contorcido dum choupo, erecto à beira dum valado.

E os olhos, forçados a deixar os voos escaldantes e rasos pelo horizonte incendiado e vazio, descem sobre as coisas que vivem mais perto.

Um carreiro de formigas.

Reparo e medito no afã construtivo destes pequenos insectos. Que impressionante capacidade de trabalho e que primor de organização! Que deligentes — e que larápios! — acrescento. Já as *Geórgicas* se referiam, em tom nada lisongeiro, aos estragos das formigas nas eiras; mas nem por isso sentimos a falta do pão que devoraram — como no caso do melro de Junqueiro. E o exemplo da sua actividade, do seu tacto económico, basta-nos para que troquemos a ideia do que nos levam, pela ideia de que são mais perfeitos que alguns espécimes desta pobre humanidade.

Apenas num ponto discordo da maneira de ser deste insecto. Lembra-me uma sociedade em que só a fome do ou o, a sede dos bens materiais da vida, fossem o móbil de todos os seus actos. É assim a

formiga — ao contrário da cigarra. Irmã Cigarra, como te admiro, então! — Irmã Cigarra, lírica e faminta, que bate à porta da Formiga de celeiro farto, e em resposta aos seus rogos de caridade, ouve a negativa irónica e mesquinha, própria de quem não tem sensibilidade para poder entender o porquê da sua miséria.

Há na Cigarra certa imperfeição — um desequilíbrio entre a realidade e o sonho, um desprendimento exagerado das coisas materiais. Esquece-se de procurar alimento, primeiro — e cantar depois. Enlevada nas vibrações quentes da música das suas asas, passa o verão a cantar e morre de fome quando chega o inverno.

Mas eu amo-a, mesmo assim! A razão prática está do lado da sua companheira. Todavia, esta não passa dum ser sensato, formado em altas economias, mas escravo apenas das suas necessidades vitais — sem espírito e sem beleza, sem ideais que transcendam a materialidade da vida e que façam viver para além da própria vida.

A Cigarra, porém, a cigarra-poeta, com defeitos é certo, com desequilíbrios de realidade e de sonho, cria Beleza, embora à custa da sua própria dor, fazendo vibrar a sua alma para com ela encher a natureza da magia do seu canto!

...E talvez um dia, como certo Poeta vaticinou, referindo-se ao homem já saturado dos bens materiais duma civilização exaustiva... — talvez um dia a Formiga dos celeiros fartos, escrava da sua riqueza, doente de excessos de ouro, bata à porta da Cigarra e lhe rogue... a «esmola duma canção».

António Garcez da Silva

Ecoss de Setúbal

O Grupo Desportivo «Os Ibéricos de Setúbal», promove no dia 24 de Agosto próximo um passeio fluvial ao Portinho da Arrábida, com partida às 9 e regresso às 20 horas, para o qual se aceitam inscrições na Rua Fran Pacheco n.º 82, 1.º, em Setúbal.

Por iniciativa do Grupo Desportivo «Os Ibéricos» de Setúbal, realiza-se nos dias 12 e 13 de Outubro próximos uma excursão ao Santuário de Fátima, para a qual se aceitam desde já inscrições.

Original de remissa

Mantendo-se ainda a cruciente falta de espaço que nos impede a publicação de numeroso original em nosso poder, principalmente de factos relacionados com a vida local, tivemos de adiar a sua publicação para a próxima semana, de cujo facto temos a pedir desculpas aos nossos leitores.

Para solucionar essa circunstância, o nosso jornal de quinta-feira, dia 31, será de oito páginas.

Salineira Ribatejense do Montijo

DE

Francisco Antunes Trineão

Venda de Sal ao público

Comunica que abriu o seu armazém, aguardando as ordens dos seus estimados clientes, dentro do horário habitual do comércio local, o que agradece.

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO: R. António Semedo, 12 - MONTIJO
(Junta ao Mercado)



do Minho ao Guadiana



Estremoz

Orfeão de Estremoz]
«Tomás Alcaide»

No domingo 13 do corrente, pelas 16 horas, na sede desta prestimosa colectividade cultural, realizou-se uma sessão solene, presidida pelo Ex.^{mo} Sr. Prof. Agostinho da Costa Macedo, dig.^{mo} presidente da Câmara Municipal. A sessão teve lugar para se descerrar as fotografias dos Ex.^{mos} Srs. Artur Augusto Assunção, Dr. Afonso Palmeiro da Costa, Frederico Mestre Carrapeta e Henrique Pascoal Rosado, que como prova de gratidão pelos sacrifícios feitos, há longos anos, em prol do Orfeão, os orfeonistas prestaram-lhe a merecedora homenagem.

Aberta a sessão pelo Sr. presidente da Câmara, as fotografias foram descerradas com prolongadas salvas de palmas: a primeira, pelo Sr. presidente da Câmara; a segunda, pelo Sr. Manuel Alvaro Camacho Semedo; a terceira, pela menina Maria Teresa Rosado Cortes Simões; e a quarta, pela menina Maria da Luz Garcia Carrapeta.

Em seguida, o orfeonista Sr. João Mourinha, pronunciou algumas palavras: «Está reunida, mais uma vez, a grande família orfeónica, à volta de uma mesa comum. É desta vez, para homenagear alguns membros, que mais se têm distinguido, ao longo dos anos, nos sacrifícios a favor do nosso Orfeão. Começamos assim a pagar uma dívida de gratidão, e fazêmo-lo com a maior alegria, certos de que cumprimos um dever».

O Sr. presidente da Câmara, deu a palavra ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Peres Claro, deputado da Nação, que leu

um discurso com passagens de grande relevo para o Orfeão Tomás Alcaide, fazendo um rasgado elogio aos homenageados e de uma forma geral a todos os orfeonistas sem distinção. Por último, falou o Sr. presidente da Câmara, que em nome do Concelho, agradeceu ao Orfeão Tomás Alcaide, os serviços prestados à cidade de Estremoz, tanto no aspecto cultural, como na propagação da nossa terra.

Foi então servido um lanche aos convidados e orfeonistas. Às 20,30 horas, realizou-se um grandioso baile, que se prolongou até de madrugada.

Visita a Estremoz

No domingo 13, visitou esta cidade, o Grupo de Teatro do Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos C. T. T., realizando um espectáculo no teatro Bernardim Ribeiro, subindo à cena a comédia húngara, «O Danúbio Azul». — (C.)

Baixa da Banheira

(Atravado na redacção)

A falta dum mercado municipal — Num dos últimos domingos, visitámos mais uma vez o local onde cruza a rua 4 com a Estrada Nacional, na qual habitualmente se reúnem numerosos vendedores ambulantes, para venda de diversas mercadorias.

Agora, chegou-nos a curiosidade de tomármos nota de todos os indivíduos que tinham artigos expostos publicamente à venda, e a quem foram cobrados os respectivos impostos municipais, dando-nos a linda soma, nada mais, nada menos (por enquanto...), de sessenta contribuintes...

Eis uma prova, como se justifica a falta dum mercado municipal.

E assim, uma vez que se nota de dia para dia, em ritmo acelerado, o aumento de população, aproveitamos a oportunidade para lembrar ao sr. presidente da Câmara Municipal da Moita, a grande necessidade da construção de um mercado nesta povoação, para o que já não falta tudo, constando-nos que «alguém» já ofereceu o terreno necessário, para a construção de tão importante e necessário melhoramento.

Grupo Columbófilo Banheirense — Continua esta prestante agremiação columbófila desenvolvendo a sua actividade, com valiosas classificações.

Premiando a boa vontade dos concorrentes premiados nos seus concursos, têm sido recebidas algumas ofertas, das quais destacamos entre outras as seguintes entidades: sr. Fidélio Gaspar; sucursal de Eléctro-Rádio; srs. José Gaspar; Joaquim Fernandes Lopes; José Beira Mar; Laurentino Martins da Silva; Luís Cabrita; Manuel A. Santos; Américo Anim; António Pinheiro Laia a José Mariano (casa de bicicletas), etc..

A direcção da colectividade ficou muito reconhecida pelo auxílio dessas pessoas amigas.

Este grupo foi dotado ultimamente pela sua Direcção com um magnífico receptor de R. T., para recreio e cultura dos seus sócios e famílias. As nossas felicitações pela sua iniciativa e muito gratos pela amabilidade do seu convite, para assistirmos aos seus programas.

Aniversários — Embora

tardamente não deixariamos de registar em nossas páginas, os aniversários das seguintes pessoas amigas do nosso jornal: — sr. Agripino José Botelho, de Montijo, mas aqui residente; menina Ercília da Conceição Brites, cabeleireira, filha estremosa

do nosso prezado amigo, sr. Miguel Pereira, digno proprietário da «Adega Cabaço»; sr.^a D. Clara Maria Gonçalves Botelho, sr. António Henrique Salgueiro Simões, respectivamente, esposa e genro do nosso assinante, sr. Agripino J. Botelho; e sr.^a D. Maria do Carmo Fernandes Passos, esposa do nosso dedicado assinante, sr. Francisco Perez Passos, conceituado comerciante nesta localidade.

Para todos, os nossos sinceros parabéns. — (C.)

Ecoss de Setúbal

Por RUI OLIVEIRA

Prossegue o ciclo de conferências para médicos, organizado pela Ordem dos Médicos de Lisboa, em Setúbal. No passado dia 12, pelas 21,30 horas, na sala de sessões da Câmara Municipal de Setúbal realizou-se uma sessão clínica, em que o sr. Dr. Arsénio Cordeiro, Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, versou o tema «Febre reumática» e o sr. dr. Lino Ferreira, médico dos Hospitais Civis de Lisboa, tratou do tema «Fracturas expostas». No dia 19 do corrente, à mesma hora e no mesmo local, efectuou-se outra sessão com os seguintes temas: «Compressões e obstruções do colédoco-diagnóstico e tratamento», pelo sr. dr. Cid dos Santos, Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, e «Diagnóstico diferencial das afeções da mama», pelo sr. dr. R. Moisés, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Decorreram muito animadas e com a presença de muitos fieis as tradicionais festas em honra de

Nossa Sr.^a de Fátima, no sítio de Santo Ovídio-Faralhão, realizadas no passado domingo 13.

Realizaram-se nos dias 18, 19, 20 e 21 do corrente, nesta cidade, as tradicionais festas em honra de Nossa Sr.^a da Arrábida.

O Centro Extra-Escolar n.º 1 da Mocidade Portuguesa de Setúbal, promoveu nos dias 19 e 20 do corrente, na Tróia — (praia da Costa) — um acampamento de fim de semana destinado aos seus filia-

Na sede do União Futebol Avenida reuniu no dia 22 do corrente, pelas 21,30 horas, a assembleia geral desta colectividade com o fim de serem tratados vários assuntos dependentes da vida do clube.

(Continua na página 4)

SANFER, L.^{DA}

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
MORTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

N.º 107

Folhetim de «A Província»

24-7-1958

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

CAMPO de Bèsteiros - PAREDES do Guardão (800 metros de altura)

Passa-se Molelos, — a da loiça escura que enxameia as prateleiras dos casebres. Avista-se ao alto e ao longe o Caramulinho. O auto arrasta-se como lesma ferida; as almas já vão mais para cima. O Tónico espregueia pelas vidraças, tristemente. — Aquela é a estrada do seu calvário... O que o espera? O Gólgota? O paraíso da volta?

A paisagem amplifica-se, desafoga-se em novas aguarelas. Do Campo descortinam-se vales em festivos verdeongos: — milharais, oliveiras, soitos... A tina é enorme, alarga, estende-se na múltipla aparição dos arvoredos. Aqui e além, ribeiritas que escorrem na base dos socacos, ladeadas de salgueiros outonícos; aqui e além, povoações perdidas nos declives e nas rampas. Perto da estrada, matos que pingam orvalhos, plainos de charneca em tapetes de giestas e tojos.

A montanha surge na feracidade que a rodeia, mais abrupta e mais montanha assusta, causa estranhezas.

O povoado desenvolve-se em tumulto, é já pretencioso: — Chalés de jardins à frente, com japoneiras e lírios mortos, — estilos inclassificáveis, de barafundas; casas de repasto com latadas em alpendres; miradoiros soberbos que encandeiam e extasiam; e tudo quanto o progresso inventou para as comodidades e exigências dos humanos, — garagens, estações de serviço, telefones, telefonias, pensóis de relevo, Cafés...

O auto pára. Tónico tem uma leve hemoptise. As almas param também, sobressaltam-se.

Há laivos de sangue lá dentro; há traços vermelhos cá fora, que o sol risca pelas baixas, batendo nas folhagens.

A tia, quase sempre calada, soluça a ocultas... Ele toma um comprimido «Zimema-Zimaia». Sente alívios, Quer seguir imediatamente.

— Devagarinho, por môr de Deus!

Dali a Paredes é um salto. E lá, — quem o sabe? — a saúde, a cura, a vida!

A estrada vai em torcicolos. Rodeia a montanha, — upa, upa!

Para trás ficam Seia, S. Romão, Gouveia; em baixo e em volta, Tondela, Bèsteiros, Castelões Viseu, Santa Ovaia, Lobão, Botulho; ao longe, as serras da Catraia, da Ladeira, de Arcabala, — Sangalhos, Monte Crasto, Silvares, Talhadas...

O auto ronca e fuma pelo radiador

O Caramulo granítico vê-se agora em toda a sua pujança bravia. A paisagem é cada vez mais esplendente. Dir-se-ia que a Natureza vive toda em glorioso festival de orquestrações, nesse recanto do mundo!

Numa curva, descobre-se à sombra dos medronheiros um par em serena conversa.

— Ele, pastor; ela, zagala, decerto. Ele encosta-se ao cajado, faz trejeitos; ela torce e retorce a dobra da saia.

Caramuleiros legítimos!

O Tónico aperta a mão da Ermelinda. As almas sobem...

— Quem sabe se nunca mais, minha querida!

— Não digas tonteiras, meu amor!

A neblina esgarça-se nos cumes, passa em farrapos de algodão. Olhando atrás, aca-

ma-se nos vales, encharca torgas e carquejas, queda-se em pérolas nos pilriteiros.

— Parecem felizes! — e a mão já pouco aperta a dela.

— E nós também fomos e ainda o seremos por toda a vida! — e agora é ela quem

aperta...

— Tola!

— Tua!

A estrada prossegue em contorsões, sempre mais curtas e mais apertadas: — sinal de

aproximação do cocuruto.

O auto respira fundo, cansado, farto de «segundas» e de tanta ladeira em semi-círculo.

Finalmente, — os sanatórios.

O doente salta a rir. As almas elevam-se.

— Quem sabe? Talvez a cura, talvez a vida...

Ele diz que já se sente melhor, que está na «sua» serra dos sonhos, que é tudo lindo, que até fez uns versos pelos caminho...

(CONTINUA)

ERICO BRAGA

FALA-NOS DO GRANDE CIRCO AMERICANO

do qual é empresário para Portugal

Quando os jornais anunciavam em grandes parangonas a vinda ao nosso País de «qualquer coisa» de extraordinário, ficamos logo de «pé a traz» e muitas vezes com razão. Esse extraordinário, não passa do vulgaríssimo.

Assim, a publicidade do Circo Americano estava nestas condições.

Com certas reservas fomos até ao Campo Grande, para tirar a prova dos nozes. Estava certa, certíssima. Era exactamente o que se anunciava e ainda mais que os jornais não falaram: no Colorido, no bom gosto e material moderno, além de um espírito de camaradagem e de equipa.

Assim, sim, merece a pena gostar uns «cobres» para ver, neste caso, um grande Circo — O Circo Americano.

* * *

Como todos sabem chegou há dias a Lisboa, procedente de Madrid, o grande Circo Americano que ficou instalado no Campo Grande, no campo de manobras da P.S.P.

Estivemos lá no dia em que chegou e depois, no momento em que se realizou o espectáculo.

Aí encontramos o grande actor Erico Braga, com quem trocámos algumas impressões acerca da grandiosidade

do Circo Americano, à volta do qual se encontram mais de 60 veículos motorizados.

— Diga-nos sr. Erico Braga: quantas pessoas trabalham aqui?

— Ao todo são 400 artistas e ajudantes. Uma pequena cidade de amigos.

— De que consta este Circo? Pode fazer o favor

P O R

Luís Bonifácio

de nos fornecer alguns elementos?

— Com muito gosto. Como pode ver e contar estão aqui mais de 60 viaturas que constam dos escritórios, vivendas, bilheteiras e até um Bar-Restaurante, jaulas, oficinas, camarins, restaurante privativo, etc.

— Falou-se em jaulas. Quantos animais viajam nesta fantástica caravana?

— Cerca de 100, incluindo as feras. Aqui estão cavalos, 14 leões, 6 tigres, 5 elefantes, uma enorme colecção de macacos, hienas, panteras, porco-espinhos e outros animais.

10.000 metros de terreno!

— Gostaríamos de registar

alguns elucidativos números.

— Por exemplo: 20.000 lâmpadas, 10.000 metros de terreno, 5.000 metros quadrados de lonas, 500 toneladas de material. Tudo isto para apresentar 3 horas diárias de programa, com 25 atrações sensacionais.

Como sabe constituiu o maior acontecimento circense de todos os tempos, visto, até hoje, Portugal desconhecer um circo de tão colossais características.

Foi a primeira vez que um Circo desta importância realizou uma viagem destas: 800 quilómetros de Madrid a Lisboa, pelo que foram tomadas toda a classe de precauções e medidas, para assegurar, sem perigo, a sua chegada.

A primeira expedição foi composta por mais de vinte vagons de caminho de ferro e a segunda com mais de 60 unidades motorizadas.

— Enfim «um circo para ver e recordar», como muito bem anunciou Rádio Clube Português.

E agora alguns nomes para ficarem registados no jornal «A Província».

— Directores: srs. Feijoo e Castilla. Director-técnico, sr. Corzana. Os artistas são muitos. Mencionarei alguns ao acaso: «Miss Mara», trapezista. Palhaços Nock e Max. Os «Hungarias», a contorcionista Betsy Roos Isabella, «ecuyère» de palmo e meio, os «Cuellar» ginastas; patinadores Emyras e Mihes, os ciclistas «Os Pascaly», o imitador Rollan Sollah, o ilusionista All Scot e muitos outros. Um autêntico desfile de artistas!...

Erico Braga, empresário do Circo Americano para Portugal é chamado pelo sr. Feijoo.

Nós fomos, entretanto, visitar o grande parque Zoológico do Circo onde estão em exposição permanente todos os animais que trabalham, sob a enorme cupula.

A crítica foi a melhor possível. Houve quem afirmasse: «Para além do mérito dos diversos números do programa, é a linha dominante do «show» que se impõe ao espectador, sem intervalos, sem pontos mortos por vezes, com notas frequentes de originalidade e bom gosto».

Milhares de pessoas já passaram por este Circo e estou convencido que não há uma única que não tivesse saído satisfeita.

Crónica Lisboaeta

Os Pregões da Saudade

Os usos e costumes duma cidade capital, são estilos característicos e pitorescos. Com o progresso vão desaparecendo os pregões da laboriosa classe ordeira e trabalhadora, que deram ou emprestaram o mais castiço e a mais alacre sinfonia, a anunciar a presença nas ruas dos mais típicos e curiosos vendedores ambulantes, alguns dos quais, embora poucos, ainda podem ser admirados, — hino que ao alfacinha já quase passa despercebido.

Vamos tentar reviver algumas dessas simpáticas figuras populares que, desde há 50 anos, percorriam, lés-à-lés, as ruas de Lisboa, e que têm servido de tema e inspiração a muitos compositores:

— Mês de Junho, tempo incerto, e, pelas ruas uma maquinação própria, ouvimos o pregão: «O conserta chapéus de chuva; deito gatos em pratos ou algidares; surgindo-nos, ofegante pela madrugada húmida, a mulher da «fava rica», ou a do mexilhão, com o seu «alho, seraquitinho e azeite de Santarém, que é pouco mas sabe bem... como gritavam as pretas vendedeiras destes mariscos. Interessante frizar que o «R. R. mexilhão» simplificou depois o pregão com melhor sabor, indicando as letras o menor perigo dos mariscos: — meses com R. vá de comer, fora disso, nada.

Mas, o desfile continua: O brinquinho arfela, gergelim, amendoa doce (um pau feito com açúcar em ponto), mais tarde substituído pelo «Torrão de Alicante». Ali aparece a mulher das «tâmaras doces a vintém lá do-cena»; «as broinhas de milho», quentinhas de erva doce; o típico galego com o seu «Aú», que escrevia para a família dizendo: que «a águas é deles, mas somos

nós que lha vendemos»; o vendedor do «azeite doce e bom vinagre»; a garota de perna nua, apregoando o «merca frangos»; a varina atrevida com o «Eh! viva da costa»; não esquecendo as já maduras vendedeiras, que atiravam:

«E é o vaso de as flores»!...
«Rendas!... Rendas!...
«Cá estão copos e garrafas Palmatórias e castiçais
E outras coisinhas mais...»

Velhos tempos, ou outros tempos, da juventude, onde a cada passo se ouvia: «Aqui tudo tem prémio, nada é branco. Por um vintém, todos podem ler a sua sina e tirarem objecto de valor»; em cada esquina, lá estava o, «ó castanhas da lô. Quentes e boas ou os «marmelos assados no forno».

No inverno, com noites chuvosas, tudo isto era um hino popular não esquecendo, em outras quadras — que saudades — os «bajús pr-noite a trinta reis e a pataco»; o «funileiro à porta»; o capilé de «cavalinho» ou Sorvete... té... Sorvete... té... té; «Há queijo saloio!...»; Fressura de váacaa!... «Oh Pitroline».

Era um nunca mais acabar nesta Lisboa pacata, hoje vaidosa e por vezes pedante, com as suas figuras típicas, lembrando ainda o velho cauteleiro, que com certa autoridade e em pregão forte, cantarolava:

«Oh meninas desta rua,
Cheguem todas à janela,
Se quiserem ser felizes
É comprar uma cautela!»

Que saudades apesar da nossa juventude já em declínio! Lisboa, perdeu assim o seu melhor braço, a voz do povo, típica, alegre e saltitante!

Ribeiro Nunes

DO RIBATEJO

VILA FRANCA DE XIRA



Edifício do Município e Pelourinho da notável Vila Franca de Xira, onde se realizaram de 12 a 14 de Julho pela 26.ª vez as imponentes e castiças Festas do Colete Encarnado.

Não desejamos terminar sem uma referência especial a «Miss Mara» uma grande trapezista que trabalha sem

rede a grande altura; aos palhaços Nock e Max, o «clown» suíço que faz arrancar todas as noites ovações.

YOGHURT
BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmelrim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027